

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): Uma Relação Entre Educação e Inclusão

Maria Beatriz Ferreira da Rocha

Graduanda em Pedagogia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Grasiele de Araújo Silva

Graduanda em Pedagogia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Deise Cristina de Araújo

Graduada em Pedagogia – UFMS;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

O tema autismo vem sendo problematizado na área da educação, por receber crianças com esse transtorno no ambiente escolar por meio da educação inclusiva e pela preocupação com a formação de tais crianças. A educação infantil é o primeiro espaço onde essas crianças irão ter contato com o ambiente escolar, sendo essa a primeira etapa do seu desenvolvimento educativo. Assim, o presente artigo tem como objetivo compreender o transtorno do espectro autista (TEA) no contexto histórico e analisar a inclusão na educação infantil. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica que nos permite o contato com o material já elaborado e observações na educação infantil que é nosso ambiente de trabalho, tendo como intuito de identificar elementos do trabalho com crianças autistas. A pesquisa mostra diversos autores que contextualizam sobre os transtornos e sobre a necessidade de cada caso.

PALAVRAS-CHAVE: autismo; educação infantil; professores; dificuldades.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa buscou tratar o transtorno do espectro autista (TEA) e as dificuldades no ambiente escolar relacionadas a professores que lidam com crianças que tem tal transtorno. A pesquisa tem o intuito de pontuar problemas e dúvidas, relacionadas ao ambiente escolar, sobre o TEA e possibilidades de sucesso na atuação dos professores que lidam com a problemática da inclusão de crianças com autismo na educação básica, apontando para melhor relação entre professor e aluno.

O interesse pela temática surge por meio da realização do estágio ao nos depararmos com uma criança autista e com a tarefa de lidar com tal condição sem ter domínio das práticas pedagógicas que envolvem o trabalho com crianças na condição de autista, neste contexto fez surgir a problemática em questão. A

pesquisa nesse sentido é importante, pois podemos compreender melhor as dificuldades na relação professores e alunos com autismo.

A lei 12.764, adotada em dezembro de 2012, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, estabelecendo diversas diretrizes para sua consecução, tal lei presume a inclusão de crianças com TEA nas escolas, porém essa inclusão ainda é um desafio, pois muitos profissionais da educação não se encontram capacitados para atender as necessidades dessas crianças.

As dificuldades são encontradas ainda mais no início da docência, pois a insegurança dos professores no início da carreira, pela falta de formação especializada, acaba travando o trabalho com práticas pedagógicas acolhedoras, de ensino aprendizagem e na relação entre professor e aluno com TEA.

Na formação dos profissionais da educação no contexto inicial muitas vezes a oferta de disciplinas que abordam a temática do aluno com TEA é pouca e quando ofertada acaba tendo foco na contextualização histórica e não há um aprofundamento das práticas pedagógicas voltadas para a inclusão do aluno com autismo, porém mesmo nessas condições a inclusão se efetiva na educação básica.

Inserir uma criança com TEA em sala de aula é possível, desde que haja uma preparação da escola, com equipamentos adequados e profissionais capacitados.

2 OBJETIVOS

Essa pesquisa buscou compreender TEA no seu contexto histórico e da educação infantil a fim de responder, o que é o autismo? Como a escola inclusiva trabalha com alunos autistas? Quais práticas pedagógicas podem se encontrar na educação infantil para o aluno com autismo?

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para realização desta pesquisa foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que permitiu o contato com o material já elaborado (Gil, 2005), auxiliando na análise da pesquisa e no manuseio de suas informações, nos proporcionando assim um estudo mais aprofundado sobre o tema e suas adaptações pedagógicas. Os dados foram

coletados em artigos a partir do Google acadêmico, as palavras-chave utilizadas na pesquisa foi “educação especial” e “autismo” tendo como intuito de identificar elementos do trabalho com crianças autistas.

4 O AUTISMO E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Em 1943, a história do autismo foi descrita pela primeira vez após o psiquiatra Leo Kanner ter observado clinicamente 11 casos, onde denominou como distúrbios autísticos do contato afetivo. Nesses 11 casos foi detectado a incapacidade de relacionar-se, que é uma das dificuldades encontradas em pessoas com o espectro autista (KLIN, 2006).

Segundo Cruz (2014), os primeiros sinais tornam-se visíveis antes dos três anos de idade, mas em alguns casos, já pode ser detectado logo nos primeiros meses de vida, por isso é de extrema importância à observação do comportamento e progresso da criança, seja por familiares ou profissionais envolvidos em seu desenvolvimento.

Desse modo, Silva (2012) ressalta que o autismo é um distúrbio do desenvolvimento em que acontece na infância, caracterizado pelo comprometimento em três áreas, (i) dificuldade da interação social; (ii) comunicação: onde a criança demora a desenvolver uma fala verbal e (iii) falas repetitivas. Contudo, a criança passa a ter dificuldade de se comunicar, o comportamento também entra nessa área de distúrbio, onde através desses comportamentos repetitivos, restritos e a dificuldade de mudança de rotina.

A principal característica do transtorno do espectro autista é o déficit considerável na interação social, comportamento e invariavelmente na comunicação, em sua maioria, com ausência de comunicação verbal e quando presente, geralmente nos casos de autismo leve e na síndrome de Aspergir, as dificuldades se encontram principalmente no que se refere à pragmática, prejudicando ainda mais a interação social deste indivíduo.

Percebe-se a complexidade dos sintomas e a ainda atual, diversidade de explicações etiológicas que tentam enquadrar o autismo nas mais distintas áreas do conhecimento, que resultam em diferentes e por vezes divergentes abordagens clínicas, terapêuticas e educacionais. As dificuldades, não são exclusivas do autismo. Muitas das características encontradas no autismo são vistas em outros

transtornos do desenvolvimento, tais como deficiência mental, transtornos de aprendizagem e transtornos da linguagem.

Há também três tipos de autismo, de acordo com Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), síndrome de Asperger; transtorno invasivo do desenvolvimento e transtorno autista. As causas do autismo ainda são desconhecidas, é provável que seja um conjunto de fatores, mas essa falta de conhecimento contribui para polêmicas entorno dos anos 1950-1960, quando o psicólogo Bruno Bettelheim dizia que a causa do autismo seria a indiferença da mãe, denominada “mãe-geladeira”.

Nesse tópico tratamos das especificidades do TEA, no próximo tópico vamos aprofundar sobre o transtorno na educação em específico na educação infantil.

5 AUTISMO E EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com o Art.58 da lei nº 9394/96 – (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 1996), a educação especial é entendida para os efeitos da lei, a modalidade de educação escolar, para educandos portadores de necessidades especiais. Em seu capítulo V fica orientado que:

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. §2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular. §3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Observamos por meio do estágio e a partir da bibliográfica estudada que os problemas que cercam a inclusão da criança com autismo variam entre a falta de capacitação dos profissionais.

Na educação infantil, alunos com TEA exige que o profissional atue de forma compreensiva, avaliando o que se deve e pode ser trabalhado em sala, observando assim o comportamento da criança com TEA e dos demais alunos que se relacionam com ele, dando atividades em que desperte sua criatividade, interação, com atitudes positivas, onde ela seja incentivada de suas variadas formas.

Essa postura do professor só da conta da demanda que é o trabalho com a inclusão de professores e estagiários saiam da zona de conforto e busquem adequar

o ambiente escolar para o aluno que está sendo incluso, independente se essa inclusão é para o aluno com TEA ou outra deficiência.

A comunicação visual também é uma parte importante e fundamental para alunos com autismo, onde eles podem visualizar a rotina, o uso de alguns lugares, como banheiro, refeitório etc. Na internet há muitos sites de dicas e ideias para serem feitas e usadas pelos profissionais da educação, onde auxilia na sala de aula. Porém, os pais também possuem um papel importante no processo de desenvolvimento da criança.

A linguagem do corpo também é uma forma de informar algo, por mais que a criança possa ser limitada na parte do vocabulário, ela pode demonstrar reações de que algo está incomodando ou que esteja gostando de algo.

A criança diagnosticada com TEA é assegurada por lei, onde têm direito à educação no ensino regular, mas o que é mais preocupante é se os profissionais estão qualificados para atuar nesse meio de forma positiva, o professor precisa inserir vários recursos no processo educativo, para ter apoio necessário para proporcionar um convívio mais adequado de acordo com a lei.

Não há tratamento para o autismo, mas há formas de estimulação que pode ser feita pelos pais e pelos professores para que a criança interaja com as demais crianças. Esse estímulo pode ser feito através de jogos e brincadeira, isso auxilia também na forma em que a criança vai aprendendo em se comunicar e viver no meio social quebrando as dificuldades que podem ser encontradas no meio de aprendizagem.

A utilização de materiais pedagógicos Montessori anos é muito importante na intervenção com o autista porque permite atividades de exploração sensorial, são objetos muito simples, mas que estimulam o raciocínio e são muito utilizados na escola comum nos anos iniciais é um excelente recurso para o educador porque permite que sejam desenvolvidas atividades a partir do concreto e que seja possível a exploração de texturas, formas, encaixes, tamanho, possibilitando que o educador perceba os esquemas mentais formado pelo aluno e promova o desenvolvimento cognitivo. As utilizações destes materiais são muito aplicadas nos centros que atendem o autista, mostram resultados positivos, que podem ser utilizados para o autista independentemente do nível de comprometimento (BATISTA, 2008).

A escola se torna inclusiva quando reconhece a diversidade que constitui

seu estudante e a ela responde com eficiência pedagógica. Para responder às necessidades educacionais de cada aluno, condição essencial na prática educacional inclusiva, é necessário se adequar os diferentes elementos curriculares, de forma a atender as dificuldades de cada um e dos autistas. Há que se flexibilizar o ensino, adotando-se estratégias diferenciadas e adequando a ação educativa de forma que os alunos aprendam, sempre considerando que o processo de ensino e de aprendizagem pressupõe atender que esse processo pode ser um pouco mais demorado. A educação para todos implica, portanto, um sistema educacional que reconhece, respeita e responde, com eficiência pedagógica, a cada aluno que nele se encontra inserida.

A educação especial só tem a colaborar nesse processo, como uma maneira de ensino que serve a todas as demais modalidades e níveis de escolarização.

Pensar na educação inclusiva como uma possibilidade de construção de uma sala de aula melhor, na qual alunos e professores sintam-se motivados aprender juntos e respeitados as individualidades de cada um, isso pode vir a ser um progresso na história da educação brasileira.

No processo de construção de uma classe inclusiva, as relações entre professor e aluno surgem como elemento de fundamental importância, já que é no contexto das relações que o respeito e a atenção pedagógica flexível individualizada vão se efetivar. Sabe-se que desde que o movimento pela construção de sistemas educacionais de inclusão foi se reforçando, inclusive amparado legalmente, alunos com deficiência começaram a ser matriculados e a frequentar classes regulares no ensino comum.

A inserção destes alunos nas classes regulares, entretanto, não garante, por si só, uma prática inclusiva de ensino. Essa inclusão desses alunos ajuda muito na convivência em sociedade, ou seja, vai quebrando essa barreira de medo de conviver em sociedade. O brincar, assim como para qualquer criança, representa um papel importantíssimo para o desenvolvimento da criança autista, pois contribui para a socialização, têm efeitos positivos sobre a aprendizagem, estimula o desenvolvimento de habilidades básicas e a aquisição de novos conhecimentos.

As atividades lúdicas que forem oferecidas para a criança com autismo podem estimular as áreas da interação social, comportamento e comunicação. Pois conforme Araújo/APAE-Piumhi (2012): “As brincadeiras são uma ferramenta lúdica

para desenvolver o potencial cognitivo, psicomotor, social e afetivo da criança, sempre respeitando o seu nível de desenvolvimento, promovendo aulas muito prazerosas”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos dos textos e da observação no trabalho, podemos considerar que a inclusão de autistas na educação é um processo de dificuldades. É fundamental que o docente busque novos métodos educacionais para que crianças com autismo possa se envolver no meio social. A falta de especialização desses profissionais, falta de livros e instrumentos pedagógicos para se trabalhar é algo que prejudica um pouco, sem contar com o espaço físico da educação que muitas vezes não se encontram adequado para desenvolver atividades.

Nesse sentido, os docentes devem estar sempre em busca de coisas novas, de meios de ensinamentos novos, para melhorar a aprendizagem dos alunos, o docente não pode ver o aluno incluso como uma dificuldade, e sim como uma nova fonte de aprendizagem até mesmo para o próprio profissional e estar sempre em constantes mudanças, para melhor atender as demandas. As vezes pelo simples fato do autismo ser algo desconhecido para algumas pessoas que não tem essas fontes de informações, acabam sendo algo dificultoso na convivência, mas isso não pode impedir, com que a criança com tal diagnóstico se desenvolva.

A inclusão não é apenas colocar a criança autista dentro de sala, mas também ensinar conhecimentos e novas habilidades, para que essas crianças venham a se desenvolver em seu meio social, o docente e o aluno deve ter um relacionamento próximo, onde a criança tenha uma rotina, seja motivada, onde haja comunicação clara, seja compreendida e que receba carinho, são fatores que contribuem bastante para desenvolver o potencial de crianças com autismo ou sem, isso fará com que obtenham resultados positivos tanto da criança como do professor, assim a aprendizagem da criança será produtiva. É importante lembrar que, são apenas crianças, independente de suas necessidades, elas sempre precisarão de atenção e cuidado.

Pensar em uma escola inclusiva que atenda plenamente alunos com comprometimento, pode-se considerar que esta necessita de adaptações curriculares de acessibilidade e adaptações pedagógicas, referente à eliminação de

barreiras físicas e metodológicas, porque o universo do autista é complexo cheio de singularidades, o profissional é a peça fundamental que irá proporcionar as condições necessárias para a aprendizagem, planejar uma ação adaptativa para o autista requer criar pontes para que pessoa com transtorno do espectro autista seja reconhecida não como indivíduo especial, mas como cidadão que assim como todos nós, temos nossas limitações e dificuldades e assim como eles, todos devemos ser respeitados.

Essa etapa é muito importante, pois é o momento onde a criança terá o seu primeiro contato com uma educação formal, onde pretende acrescentar a educação recebida na família e sociedade. Por isso, esse nível de educação requer profissionais competentes que possuam as habilidades necessárias para lidar com as especificidades dessa faixa etária.

Não devemos desconsiderar o fato de que a criança continuará passando por diversas experiências no decorrer de sua vida que contribuirão para sua formação, já que somos seres em constantes transformações. Entretanto, não podemos esquecer que a infância é uma fase marcante na vida de todos e que uma atitude errada por parte do professor, em relação a uma criança, poderá deixar traumas que ela carregará por toda a vida.

Para finalizar, não podemos esquecer que devemos estar sempre em constantes mudanças para melhor atender essas demandas, sendo assim professores capacitados para atuar na educação, fazendo com que a criança desenvolva sua autonomia e sua interação no meio social. Lembrando que, a educação e seus desenvolvimentos não são somente papel da creche/CEI, a família também faz parte desse processo e devem estar sempre caminhando juntos para obter melhores resultados.

REFERÊNCIAS

BELISARIO JUNIOR, J. F. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: MEC; Secretaria da Educação Especial; Fortaleza: UFC, 2010.

BENSI, T. B. Aprofundamento em transtorno de Espectro Autista, história da teia. Disponível <<https://bee-ducation.com/aprofundamento-em-transtorno-do-espectro-autista-parte-i/>>.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional– 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf>.

FLEISCHER, S.; GRINKER, R. R. Autismo: um mundo obscuro e conturbado. Tradução de Catharina Pinheiro. São Paulo: Larrousse do Brasil. 2010.

MINUTO SAUDAVEL. O que é Autismo, sintomas, tipos (infantil, leve) e mais. Disponível em <<https://minutosaudavel.com.br/o-que-e-autismo-sintomas-tipos-infantil-leve-e-mais/>>.

SANTOS, M. F. S.; SANTOS, M. A. Representações sociais de professores sobre o autismo infantil. Psicologia & Sociedade. 2012.

SILVA, A. B. B. Mundo singular: Entenda o autismo. Fontanar. 2012.

SOUZA, R. N. Historia do autismo. Disponivel em <<https://psicopedagogarose.blogspot.com/2011/12/historia-do-autismo/>>.